

## EDITORIAL

A guerra, em sua origem, era irregular. A partir do momento em que alguns povos começaram a dar a seus exércitos uma organização mais formal essa característica deixou de ser geral. No entanto, aqueles povos mais fracos ou mais desorganizados passaram a adotar táticas irregulares de combate, pois esta era a única alternativa que possuíam para desgastar o inimigo, com ataques de surpresa e emboscadas.

Ao longo dos séculos, estudando-se a História, pode-se perceber que as táticas de guerra irregular estiveram sempre presentes, constantemente adotadas por povos com um poder de combate menor contra um inimigo mais poderoso. Alguns exemplos que podemos citar incluem a longa luta contra os invasores holandeses no nordeste do Brasil, que culminou em Guararapes, a luta dos índios americanos contra os invasores brancos, as guerras coloniais do século XIX na África e na Ásia.

Nos dias atuais, a situação não é muito diferente. O mundo possui poucos países desenvolvidos, com grande poder econômico e militar, e uma grande maioria de países mais pobres, deficientes em muitos aspectos, que não têm capacidade militar suficiente para enfrentar um daqueles países desenvolvidos. Assim, é natural que, caso se vejam envolvidos em um conflito contra um desses poderosos, recorram à utilização de táticas de guerra irregular. Aliás, é exatamente o que temos visto acontecer no Afeganistão e no Iraque, embora não estejam, em princípio, sendo empregadas pelas forças armadas daqueles países e sim, por grupos terroristas.

A *Military Review* adota, nesta edição, o sempre atual tema da guerra irregular, apresentando diversos artigos relacionados com o assunto. Inicialmente, o General (Res) Montgomery Meigs e Jeffrey White apresentam diversas idéias sobre a guerra irregular e assimétrica. Interessante notar que ambos consideram de suma importância a necessidade de aumentar a capacidade de coleta de informações, principalmente as originárias de fontes humanas.

Em seguida, o Cel Vicente estabelece um paralelo e define o grau de interação existente entre a logística das grandes empresas e a das forças armadas. Esse assunto é bastante importante, pois essa interação tende a aumentar bastante no futuro, como já pode se observar claramente nos países mais desenvolvidos.

No artigo seguinte, TC (Res) Greg Wilcox e Cel (Res) Gary Wilson estabelecem um novo debate sobre a guerra de 4ª Geração, ao declararem que os Estados Unidos têm adotado estratégias inadequadas para enfrentar o terrorismo no Afeganistão. Faz com que comecemos a pensar se o mesmo não estará ocorrendo atualmente no Iraque.

A guerra entre Israel e Palestina por intermédio da Internet, apresentada a seguir, analisa o novo campo de batalha cibernético que, sem dúvida, crescerá de importância de forma acelerada e obrigará os Estados a adotarem medidas eficazes de controle e fiscalização num futuro bastante próximo.

A seguir, um artigo sobre as Forças Especiais. Essas forças têm sido grandemente ampliadas, dentro das Forças Armadas Americanas, em virtude de serem as mais adequadas para enfrentar um inimigo que opera de forma irregular ou assimétrica.

O artigo seguinte, da Doutora Sarah Archer, apresenta as complicadas relações existentes entre forças armadas e organizações civis durante a realização de operações humanitárias. Em “Estratégia Revisitada”, o Maj Isaiah Wilson III alerta contra o que parece ser uma prática corrente de se usar a capacidade militar atual ou futura como base para a formulação da Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos.

Caros leitores, desde 1922 a *Military Review* adotou diversos formatos. O atual começou a ser utilizado nos meados da década de 80. Desde então o mundo sofreu diversas transformações, como o final da Guerra Fria, a Guerra do Golfo, as operações nos Bálcãs e, mais recentemente, as operações no Afeganistão e no Iraque. Para atender às exigências do ambiente operacional contemporâneo, o Exército Americano está desenvolvendo novos conceitos, como o da Força Futura. Da mesma forma, a *Military Review* vai adotar um novo formato, mais adequado à discussão da arte e da ciência militar nos níveis operacional e tático. Em consequência, a *Military Review*, edição brasileira, será publicada, a partir do próximo número, com uma nova apresentação.

Cel Osmário Monteiro Zan  
Exército Brasileiro  
Redator-Assessor da Edição Brasileira